

# OS RÓTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB) E SUA INFLUÊNCIA NA AQUISIÇÃO DO INGLÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA (ILE)

## BRAZILIAN PORTUGUESE RHOTICS AND ITS INFLUENCE ON ENGLISH AS A FOREIGN LANGUAGE (EFL) ACQUISITION

Miriam Gurgel da Silva<sup>10</sup>  
Clerton Luiz Felix Barboza<sup>11</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo geral analisar a construção da interfonologia rótica de aprendizes brasileiros de inglês língua estrangeira (ILE). Apresentamos por meio de uma análise comparativa quais os possíveis obstáculos enfrentados por aprendizes brasileiros de ILE na realização dos fonemas róticos. O exercício implica na necessidade de um estudo minucioso dos sistemas róticos de cada língua em particular, além das várias possibilidades abertas aos aprendizes brasileiros de ILE ao construírem sua interfonologia.

**Palavras-chave:** Róticos. Inglês língua estrangeira. Português brasileiro.

**ABSTRACT:** This research has as its main objective to analyze the construction of rhotic interphonology by Brazilian learners of English as a foreign language (EFL). It presents possible problems faced by Brazilian EFL learners in realizing rhotic phonemes. The exercise implies the necessity of a minute study of the rhotic systems associated to each particular language, besides the various possibilities for Brazilian EFL learners constructing their interphonology.

**Keywords:** Rhotics. English as a foreign language. Brazilian Portuguese.

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo geral analisar a construção da interfonologia rótica de aprendizes brasileiros de inglês língua estrangeira (ILE). O termo rótico é utilizado para descrever as variantes de sons orais associadas ao grafema <r>. Diversas possibilidades fonético-fonológicas são relacionadas aos róticos (LADEFOGED; MADDIESON, 1996). São uma classe de difícil descrição, pois

---

<sup>10</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: miriamgsax@hotmail.com

<sup>11</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Doutor em Linguística. E-mail: clertonluiz@gmail.com

falantes em diferentes idiomas e/ou dialetos produzem-nos com diferentes pontos e modos de articulação (LADEFOGED, 2001). O Alfabeto Internacional de Fonética - IPA (do termo em inglês *International Phonetic Alphabet*), agrupa os símbolos dos róticos de acordo com os diferentes modos de articulação, pois não é possível classificá-los em um grupo exclusivo associado a pontos de articulação. Logo, os róticos emergem dependendo do contexto de uso, social e linguístico.

O trabalho justifica-se devido ao fato de contribuir para o esclarecimento de indagações pessoais, teóricas e aplicadas. Enquanto professores de ILE, os autores constantemente depararam-se durante sua vida profissional com a dificuldade de realização dos róticos do inglês por seus alunos. Por sua vez, a análise dos róticos do PB é objeto constante na área dos estudos sociolinguísticos. Todavia, a literatura carece de um maior número de pesquisas envolvendo a construção da interfonologia por aprendizes brasileiros de línguas estrangeiras em geral. Este trabalho é o primeiro passo na construção de uma pesquisa mais ampla, que visa contribuir para um melhor entendimento teórico do problema. Finalmente, a aplicação do conhecimento discutido neste texto será de grande valia para os profissionais de ensino de ILE em seu dia-a-dia.

Além desta seção que constitui a Introdução, o trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: (2) Visão geral dos róticos – buscamos apresentar sucintamente suas principais características; (3) Róticos do português brasileiro – com ênfase na variação regional; (4) Róticos do inglês – enfatizando os dois principais dialetos; (5) Interfonologia dos róticos PB/Inglês; e, finalmente, (6) Conclusão. Damos sequência ao artigo na seção a seguir.

## **2 VISÃO GERAL DOS RÓTICOS**

Os róticos das línguas naturais podem ser realizados tendo em vista diversas possibilidades de realização quanto ao ponto, e.g. os tepes, as fricativas, as aproximantes, e modo, e.g. o retroflexo, o alveolar, o dental, o uvular, o glotal, o faringal, o velar. Observamos as possibilidades no quadro 1 a seguir.

**QUADRO 1:** Quadro das consoantes róticas.

Modos de Articulação	Lugares de articulação							
	Dental	Alveodental	Alveolar	Palato alveolar	Velar	Uvular	Faringal	Glotal
Fricativa								
Oclusiva								
Fricativa		[ç] [x]			[x] [χ]	[χ][x]	[h] [ʕ]	[h][ɦ]
Vibrante	[r] [r]		[r] [r]			[ʀ]		
Tepe	[r][r]		[r] [r]					
Flepe			[ɾ] [ɾ]					
Retroflexa			[ɻ][ɻ]	[ɻ] [ɻ]				
Constritiva			[ɻ][ɻ]	[ɻ]	[ɻ]	[ʁ]		

**FONTE:** Cagliari (1981, apud VEGINI, 2007, p. 5).

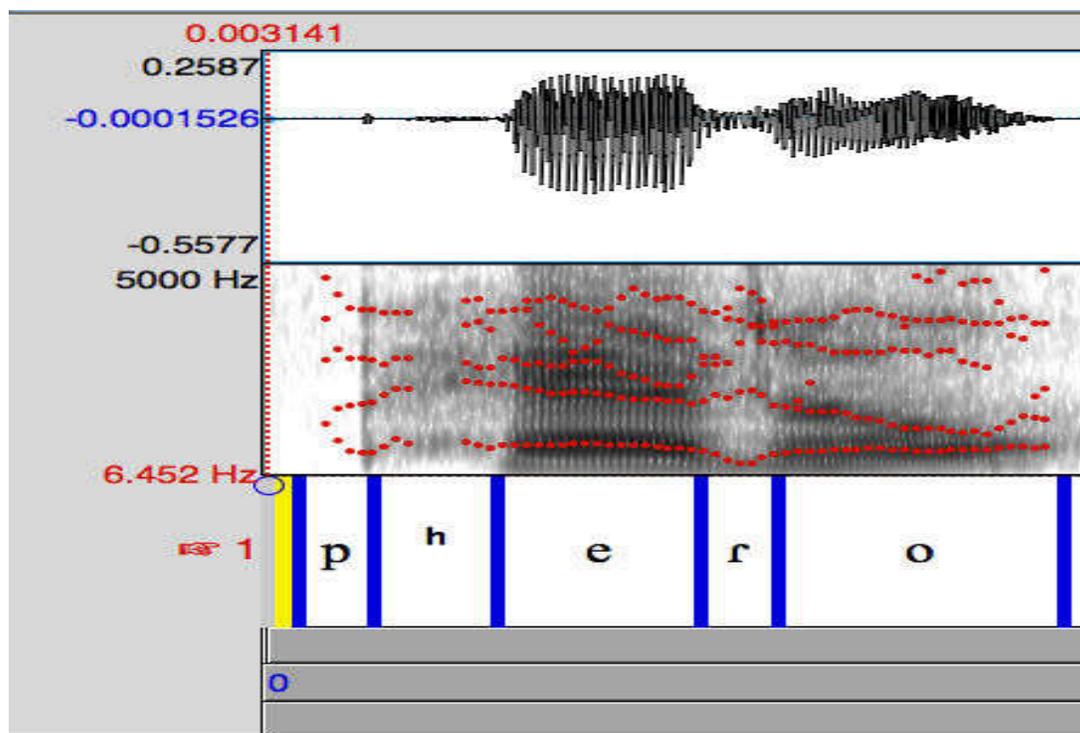
O **quadro 1** mostra que os róticos são realizados com diferentes modos e pontos de articulação. O modo de articulação mais comum é aquele que ocorre na área dental-alveolar, embora o rótico produzido na região pós-alveolar ou retroflexo também ocorra com certa frequência nas línguas do mundo. Já os róticos produzidos na região uvular ocorrem em relativamente poucas línguas (LADEFOGED; MADDIESON, 1996).

As vibrantes são sons frequentes nas línguas naturais e são sensíveis a pequenas variações na articulação e condições aerodinâmicas durante a sua produção na fala (LADEFOGED; JOHNSON, 2011). A característica principal das vibrantes múltiplas é a vibração entre os órgãos produtores do som que pode ser a vibração da ponta da língua contra a região alveolar, pós-alveolar, dental ou com a vibração da região uvular com a parte de trás da língua. As vibrantes mais comuns são as que envolvem a ponta da língua.

Outras classes de sons róticos são os tepes e flepes. Elas são descritas como resultado de um movimento rápido da ponta da língua, que pode ocorrer na área alveolar ou na região do palato duro. Ladefoged e Maddieson (1996) fizeram a distinção entre tepes e flepes. No tepe ocorre um movimento rápido entre a ponta da língua e a região dos alvéolos. Já no flepe existe uma elevação da ponta da língua que acaba por se retrair ao tocar a região alveolar. Os tepes e flepes

caracterizam-se acusticamente por ter duração breve, marcada por um espaço praticamente vazio no espectrograma, “com energia muito baixa, seguida por batida e retomada do vozeamento” (GREGIO, 2012, p. 81). Apresentamos na figura 1 oscilograma e espectrograma referentes à realização de um tepe.

**FIGURA 1:** Oscilograma e espectrograma de um tepe.



**FONTE:** <https://goo.gl/T1Crga>, disponível em 07/03/2017.

Ainda falando nas classes dos róticos deve-se mencionar as fricativas e aproximantes que são caracterizadas pela ausência ou, eventualmente, um contato reduzido entre os articuladores, por meio de uma aproximação entre a lâmina da língua e o palato duro. Em alguns momentos a aproximação acompanha uma fricção, que pode ser de articulação velar, glotal ou uvular.

A classe das retroflexas tem como característica a subida da lâmina da língua em direção à região alveolar, enquanto a ponta da língua fica curvada ocorrendo uma aproximação e não um contato entre tais articuladores. Além da aproximação, ocorre um arredondamento dos lábios e possivelmente uma constrição faríngea. No que se refere às características acústicas, a variante retroflexa apresenta estrutura

formântica bem definida, com rebaixamento da frequência do terceiro formante (LADEFOGED; MADDIESON, 1996).

Ainda de acordo com Ladefoged e Maddieson (1996) cada membro da classe dos róticos apresenta similaridades, apresentando apenas uma qualidade ou característica que as diferem: vibrantes múltiplas e tepes são similares quanto à curta duração da obstrução; vibrantes produzidas com o uso da ponta da língua e as vibrantes uvulares são semelhantes quanto à ocorrência de modulações rápidas. Os róticos produzidos no mesmo ponto de constrição são equivalentes no que diz respeito à distribuição de energia espectral.

Neste trabalho pretende-se discutir as características dos róticos no PB e no Inglês, pois apresentam semelhanças no seu modo de produção, bem como discutir a aquisição do retroflexo do inglês por aprendizes brasileiros de ILE. Tendo em vista o objetivo, apresentamos nas próximas seções revisão bibliográfica voltada para a realização dos róticos nas línguas supracitadas.

### 3 OS RÓTICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB)

O arquifonema<sup>12</sup> /R/ no PB tem origem no /r/ latino, realizado enquanto vibrante apical múltipla e se opunha ao /r/ vibrante simples, o tepe. Ocorreu, ao longo do tempo, uma uvularização da vibrante apical que passou a apresentar diferenças tanto no ponto de articulação, que passou de anterior para posterior, quanto no modo de articulação, que passou de vibrante alveolar para fricativa velar ou glotal (MALMBERG, 1954 apud VEGINI, 2007).

Baseados nessa modalidade de articulação, os róticos no PB são classificados como r-fraco (ou anterior) e R-forte (ou posterior) (BISOL, 2010). O r-fraco: /r/ é caracterizado com uma só batida da língua contra os alvéolos produzindo uma vibração simples, branda e fraca (vibrante apical tepe) e está presente em todas as variações da fala. O r-fraco pode ser encontrado em posição intervocálica, como nas palavras *ce[r]a* ou *a[r]a[r]a*, ou em encontros consonantais tautossilábicos, como em *b[r]avo* e *c[r]edo*.

---

<sup>12</sup> Um arquifonema é um termo usado na fonologia como uma maneira de se lidar com o problema da neutralização, ou seja, quando o contraste entre fonemas se perde em certas posições de uma palavra (CRYSTAL, 2008).

O R-forte apresenta marcante variação dialetal, podendo ser realizado como uma vibração múltipla da língua junto aos alvéolos (vibrante múltipla alveolar), ou por uma tremulação da úvula (vibrante múltipla uvular), com uma fricção de ar na parte superior da faringe (faringal fricativa vozeada), fricativa velar vozeada ou desvozeada, fricativa uvular vozeada ou desvozeada. O uso de diferentes realizações alofônicas, no entanto, não altera o significado linguístico. Logo, há somente um R-forte, ocorrendo primordialmente em posição pré-vocálica como em *hon[h]a* e *[h]ato*, ou em posição pós-vocálica como em *ma[h]* e *ca[h]ne*.

Ainda sobre as realizações do /R/ Bisol (2010, p. 208-209) afirma que “o ‘r’ pode ser pronunciado como vibrante ([r]ápido), fricativa velar ([x]ápido), uvular ([R]ápido), e aspirada ([h]ápido), ou como uma vibrante simples (c[r]avo, ma[r]) ou ainda como um som retroflexo ([ɻ]ápido, ma[ɻ])”. As realizações das variantes associadas ao arquifonema /R/ são influenciadas por fatores que podem ser tanto de origem histórico-social quanto linguística (SILVA NETO, 1963). O quadro 2 mostra a distribuição dos róticos no PB:

**QUADRO 2:** Distribuição dos róticos no PB.

Exemplo	Contexto	Retroflexo	Fricativa	Tepe	∅
1. <i>caro</i>	Entre vogais (r-fraco)	kaɻ	-----	karu	-----
2. <i>prato</i>	Encontros consonantais	pɻatu	-----	pratu	-----
3. <i>rato</i>	início de sílaba e de palavra	-----	hatu	ratu <sup>7</sup>	-----
4. <i>desrespeito</i>	Início de sílaba depois de consoante	-----	deshespertu	-----	-----
5. <i>carro</i>	Entre vogais (r-forte)	-----	kahu	-----	-----
6. <i>bar</i>	final de sílaba e de palavra	baɻ	bah	bar	ba
7. <i>parque</i>	final de sílaba e meio de palavra	paɻkɻ	pahkɻ	parkɻ	pakɻ

FONTE: Camargos (2013, p. 8).

Nos contextos 1 (*caro*) e 2 (*prato*) é realizado o r-fraco com duas realizações de /r/: o tepe e o retroflexo, que podem ser realizados tanto entre vogais quanto em encontro consonantal. A pronúncia com o tepe ocorre ainda no contexto 3 (*rato*) em início de palavras, podendo ser encontrada no PB em algumas regiões no Sul do Brasil em final de palavras ou em final de sílaba precedendo consoantes (BRESCANCINI; MONARETTO, 2008, apud CAMARGOS, 2013). O mesmo pode ocorrer na realização do retroflexo.

Por sua vez, o R-forte pode ocorrer entre vogais, em final de sílaba e em início de sílabas depois de consoantes, como nos contextos 5 (*carro*), 6 (*bar*) e 7 (*parque*). É possível ainda a não realização do arquifonema /R/ em final de sílaba precedendo consoante ou em final de sílaba como nos exemplos 6 (*bar* [ba]) e 7 (*parque* [pakɪ]).

O arquifonema /R/ apresenta a maior variação alofônica do PB, sendo dependente, além do falar regional, do contexto linguístico. O arquifonema, por exemplo, pode apresentar ocorrências no PB como fricativa ou como tepe em início de palavra ou em final de sílaba, e.g. [h]ápido/[r]ápido ou ma[h]/ma[r]. O fato pode decorrer de variação regional, do nível de registro ou mesmo de variação individual.

Além da influência do falar regional, a realização do arquifonema /R/ pode variar devido ao fenômeno de assimilação, que ocorre quando um segmento adquire as características dos segmentos do contexto ao qual se encontra: como em o[h]ta, pois o /R/ antecede o fonema /t/ que é desvozeado. Logo, o /R/ apresentará o alofone fricativo glotal desvozeado. Já em co[h]da, por ser o [d] um segmento vozeado, o /R/ adquirirá a mesma propriedade de vozeamento e, portanto, será realizado como uma fricativa glotal vozeada.

Em algumas regiões do Brasil palavras como *corda* e *orta* podem ser pronunciadas com o r-retroflexo: co[ɻ]da e o[ɻ]ta. O r-retroflexo do PB é o que mais se aproxima do /r/ na pronúncia do inglês e é encontrado em diversas áreas do Brasil. Brandão (2007) indica em um mapa as áreas de abrangência do retroflexo:

**FIGURA 2:** Estados brasileiros com realização do retroflexo.

**FONTE:** Brandão (2007, p. 280).

De acordo com a proposta de Brandão (2007), os estados em cinza apresentaram ocorrências do retroflexo. Enfatizamos que no estado do Rio Grande do Norte nenhum registro do retroflexo foi reportado. Neste caso, a pronúncia do /r/ em final (*bar*) e em meio de palavra (*carta*), como são pronunciadas como fricativas, ou ainda sem a realização do /r/ no final de palavras. Essa pronúncia como r-fricativo pode influenciar na pronúncia de falantes dessa região que pretendem estudar ILE. É importante ressaltar que a afirmação não está ligada a nenhum estudo de análise acústico-articulatória da pronúncia do r-retroflexo ou da pronúncia do erre com falantes potiguares, sendo fruto de algumas observações das dificuldades de estudantes de ILE no estado.

Encerramos neste ponto a seção sobre os róticos no PB, em que discutimos algumas características da pronúncia do arquifonema /R/, com destaque para a realização do retroflexo em algumas regiões do Brasil. Na próxima seção passamos a discutir a produção dos róticos na língua inglesa, discutindo posteriormente sua aquisição por aprendizes brasileiros de ILE.

#### 4 RÓTICOS DO INGLÊS

O fonema /r/ do inglês é descrito como uma aproximante (CRUTTENDEN, 2008; TENCH, 2011). O alofone mais comum do Received Pronunciation (R.P.), padrão do Reino Unido, é o aproximante pós-alveolar retroflexo [ɹ]. Então, a palavra *red* /rɛd/, que tem a produção do /r/ em posição de ataque, é transcrito foneticamente [ɹɛd]. O som do r-retroflexo no inglês também emerge em palavras com /r/ em posição intervocálica como em *very* /'vɛri/ e *marry* /'mæri/ e ou em início de palavras como em *red* /rɛd/ e *remain* /rɪ'meɪn/.

Conforme Bizzochi (2006, apud DEUS, 2009) ocorre elisão do fonema /r/, em contexto pós-vocálico como em *part* /pa:t/ correspondente ao RP londrino. Laver (1994) afirma que a principal característica do /r/ no RP é sua elisão diante de outra consoante, como em *marvel* /'ma:vəl/. Os dialetos no qual o /r/ não é pronunciado nesse contexto são chamados de dialetos não-róticos (*non-rhotic accents*). Já os dialetos em que o /r/ é pronunciado nesse contexto são chamados de dialetos róticos (*rhotic accent*). Assim, uma realização com a aproximante retroflexa alveolar, como em *marvel* /'ma:rvəl/, é mais comum nos Estados Unidos e Canadá

No inglês existe variação alofônica do fonema /r/. Pode-se notar, por exemplo, que na palavra *thread* /θrɛd/ o /r/ não é considerado um aproximante e sim um tepe pois é caracterizado por um contato simples e rápido entre a ponta da língua contra a área alveolar. Assim como nas palavras *price*, *cream*, *try* em que o /r/ é antecedido pelos fonemas /p, t, k/. Neste caso o /r/ ficará parcialmente desvozeado, pois é seguido por oclusivas desvozeadas em início de sílaba e em sílabas acentuadas. Também é possível encontrar desvozeamento em palavras onde o /r/ é seguido de fricativas desvozeadas como em *fry*, *thrive* e *shrink*. Aliás, depois de /θ, ð/ o /r/ apresentará um tepe alveolar parcialmente desvozeado ou vozeado, respectivamente (TENCH, 2011).

Para falantes nativos do inglês, o fonema /r/ é normalmente a última aquisição em comparação aos outros aproximantes, tendendo a ocorrer apenas por volta dos cinco anos de idade (CRUTTENDEN, 2008). Para o referido autor, alguns falantes do inglês apresentam a tendência de labializar o r-retroflexo independente da vogal que a segue. Os lábios podem ficar arredondados simultaneamente ao movimento retroflexo da língua ao pronunciar a palavra *red* [r<sup>w</sup>ɛd], por exemplo. A labiarização do /r/ é similar ao arredondamento da semi-vogal /w/, quando pares mínimos do tipo *wed* /wɛd/ e *red* /rɛd/ são realizados.

Carr (1999) aponta que para a maioria dos falantes de inglês, o /r/ na posição de ataque é realizado como uma aproximante pós-alveolar [ɹ]. Porém, alguns dialetos do inglês, como o escocês, podem apresentar uma obstruinte alveolar de curta duração, o tepe [r].

De maneira geral, percebe-se que a rótica do inglês apresenta menos variação se comparada à rótica do PB, pois em posição intervocálica ou em posição de ataque teremos um retroflexo alveolar [ɹ]. Já em contexto pós-vocálico o /r/ poderá ser realizado como a aproximante retroflexa alveolar [ɹ], ou poderá ocorrer o seu apagamento diante de outra consoante. O fato dependerá principalmente do dialeto do falante, rótico ou não-rótico.

Na seção seguinte, trataremos da aquisição do sistema rótico do inglês por aprendizes brasileiros de ILE.

## 5 INTERFONOLOGIA DOS RÓTICOS PB/INGLÊS

Para Ekman (1996, apud BECK, 1998) aprendizes iniciantes de segunda língua (L2) percebem os sons da L2 utilizando categorias associadas ao sistema da primeira língua. Sons da L2 que forem sensorialmente aproximados a uma categoria existente na L1 serão assimilados e reproduzidos com maior dificuldade. As diferentes realizações do arquifonema /R/ do PB podem influenciar na pronúncia do /r/ do inglês. Aprendizes brasileiros de ILE que utilizam falares regionais em que emerge o r-retroflexo em posição intervocálica e/ou posição final de palavras, podem não apresentar dificuldades na aquisição do /r/ retroflexo do inglês nesse contexto, bem como em posição de ataque.

Camargos (2013) analisou a apropriação de retroflexos por aprendizes brasileiros de ILE, que fazem uso de falares regionais do PB em que o retroflexo emerge ou não de forma recorrente. Os resultados indicam (1) que o retroflexo é realizado categoricamente em contexto de encontro consonantal e quase categórico em início de palavra, havendo variabilidade em contexto de final de sílaba; (2) que palavras (quase) homófonas indicam maior variabilidade e menores índices de retroflexo do que as palavras em geral que foram analisadas; e, (3) que os dados indicam que o detalhe fonético fino do retroflexo em L1 não é adotado em L2.

Deus (2009) em seu estudo sobre a leitura dos róticos em posição de ataque por estudantes brasileiros observou transferência do PB para o ILE. Foi observado que alguns informantes realizaram palavras como *rare* e *rural* levando em consideração a estrutura fonológica do PB, pois a segunda consoante rótica não foi produzida como um retroflexo e sim como um tepe, característico do r-fraco. Para alguns informantes a consoante inicial foi produzida como uma fricativa glotal. Isso deve-se a categorias fonéticas estabelecidas no sistema do PB e que foram transferidas para o ILE.

Falantes potiguares do ILE, por exemplo, podem apresentar essa dificuldade, já que o r-retroflexo do português é o que mais se aproxima do /r/ do inglês. Anteriormente destacamos que não foram encontradas realizações de r-retroflexo no Rio Grande do Norte. Assim, hipotetizamos que palavras como *remember*, que apresentam o /r/ tanto em posição de ataque quanto no final da palavra, podem ser pronunciadas por potiguares com a fricativa glotal [h]emembe[h] seguindo a influência de palavras como [h]enomea[h]. A palavra pode ser pronunciada ainda como [h]ememb[ə], com a neutralização do /r/ no final da palavra, assim como acontece em [h]enomea. Pode também emergir o r-fricativo em posição pós-vocálica antecedendo uma consoante como na palavra *work*: wo[h]k, ao invés de r-retroflexo, semelhantemente ao que acontece em português com a palavra *po[h]que*.

Uma outra dificuldade é a realização de /r/ em posição inicial de encontro consonantal como nas palavras *first*, *world* e *girl*. Quanto à palavra *first* pode-se supor que os mesmos falantes ao pronunciarem o /r/ realizem um tepe com uma elevação da ponta da língua que acaba por se retrair ao tocar a região alveolar. Já

em *girl* há uma tendência de vocalização do // para a vogal /ʊ/, sem realização do /r/.

As hipóteses elencadas nesta seção foram apresentadas com o objetivo de tornarem-se a base de estudo posterior, envolvendo preceitos da fonologia de laboratório, visando a análise da construção da interfonologia de aprendizes brasileiros de ILE no estado do Rio Grande do Norte. Devem ser tomadas, portanto, enquanto norteadoras de aprofundamentos desta pesquisa inicial envolvendo a interfonologia rótica do PB/inglês. Apresentamos na próxima seção a conclusão deste artigo.

## 6 CONCLUSÃO

Este trabalho tem por objetivo geral analisar a construção da interfonologia rótica de aprendizes brasileiros de inglês língua estrangeira (ILE). Iniciou-se pela apresentação geral dos principais conceitos associados aos róticos das línguas naturais, passando pela emergência dos sons em questão no PB e no inglês, bem como na construção da interfonologia de aprendizes brasileiros de ILE.

Evidenciou-se nesta pesquisa o caráter variável de realização dos róticos por falantes nativos do PB, do inglês e, primordialmente, na construção da interfonologia de aprendizes brasileiros de ILE. Observamos na análise a influência dos róticos do PB na aquisição do ILE por aprendizes brasileiro com r-retroflexo em ocorrência no meio de palavras, em encontros consonantais em início e em final de palavras. Em tais contextos fonotáticos, palavras do PB são pronunciadas com r-fricativo ao invés do r-retroflexo, o que pode dificultar a realização de palavras do inglês por aprendizes brasileiros.

Esta pesquisa apresentou uma pesquisa bibliográfica da realização dos róticos por aprendizes brasileiros de ILE. A elaboração deste texto funcionou enquanto estudo preliminar e necessário à fazedura de pesquisa experimental, seguidora dos preceitos da fonologia de laboratório, a ser posteriormente desenvolvida. Sanaremos naquele momento relevantes lacunas deste estudo, como a inexistência de análise e discussão de dados empíricos de realização dos róticos do PB e ILE de aprendizes brasileiros.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, M. S. M. (2007). *Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /rr/*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 184f.

BECK, M. (1998). *Morphology and its Interfaces in Second Language Knowledge*. Amsterdam: John Benjamins.

BISOL, L. (Org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 5ª edição. Porto Alegre: Edpurs, Porto Alegre, 2010.

BRANDÃO, S. F. (2007). Nas trilhas do R-retroflexo. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, n.10/2, p. 265-283.

CAMARGOS, M. A. C. (2013). *Conhecimento Fonológico dos Retroflexos em Inglês-L2*. Dissertação (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 118f.

CARR, P. (1999) *English phonetics and phonology: an introduction*. Oxford: Blackwell.

CRYSTAL, D. (2008) *Dicionário de Linguística e Fonética*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

CRUTTENDEN, A. (2008). *Gimson's Pronunciation of English*. 7<sup>th</sup> edition. London: Hodder Education.

DEUS, A. F. (2009). *A transferência do português na leitura das róticas em posição de ataque no inglês por estudantes brasileiros de inglês*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.78f.

GREGIO, F. N. (2012). Variantes do “r” em posição de coda silábica: um estudo fonético-acústico. *Revista Intercâmbio*, v. 26: 80-94.

LADEFOGED, P. (2001). *Vowels and Consonants: An Introduction to the Sounds of Languages*. Oxford: Blackwell.

LADEFOGED, P.; MANDDIESON, I. (1996). *The Sounds of World Languages*. Oxford: Blackwell.

SILVA NETO, S. (1963). *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.

TENCH, P. (2011). *Transcribing the Sound of English*. Cambridge: CUP.

VEGINI, V. (2007). As realizações dos róticos no português brasileiro: um recorte fonoestilístico. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. v. 5, n. 9, p. 1-30.